



Uso de plantas medicinais no processo de ensino-aprendizagem em escola do campo no Sudoeste Paraense

Use of medicinal plants in the teaching-learning process in a rural school in Southwest Pará

SOUSA, Geovane Bezerra de¹; DREBES, Laila Mayara²; SANTOS FILHO, Matheus³

¹ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, geovanebezerra832@gmail.com.

² Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, drebes.laila@unifesspa.edu.br.

³ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, matheus98@unifesspa.edu.br.

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: Este relato de experiência técnica resulta de uma intervenção pedagógica sobre plantas medicinais na Casa Familiar Rural Dorothy Stang, Anapu-PA, cujo objetivo foi resgatar, preservar, aprimorar e sistematizar os conhecimentos das famílias camponesas sobre plantas medicinais, a fim de estimular o seu uso agroecológico na promoção da saúde e na geração de renda. A intervenção pedagógica foi conduzida entre março de 2022 e fevereiro de 2023, com turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do curso Técnico em Agropecuária concomitante ao Ensino Médio, totalizando 35 estudantes. Foram três etapas de atividades: a realização de palestra sobre plantas medicinais; o processo de descoberta do conhecimento e percepções da comunidade escolar sobre plantas medicinais; e a implantação da horta de plantas medicinais na escola. Esta última possibilitou o desenvolvimento de atividades pedagógicas de cunho agroecológico, sobre meio ambiente e saúde, unindo teoria e prática de forma contextualizada.

Palavras-Chave: agroecologia; casa familiar rural; conhecimentos tradicionais; erosão cultural; saúde.

Contexto

O presente relato de experiência técnica é derivado de um processo de intervenção pedagógica sobre plantas medicinais realizado na Casa Familiar Rural Dorothy Stang, uma escola do campo situada no município de Anapu, na mesorregião Sudoeste do estado do Pará, nos arredores da rodovia Transamazônica.

Na região de inserção da escola, historicamente caracterizada por conflitos agrários em virtude de processos de grilagem de terras, a criação da Casa Familiar Rural Dorothy Stang se deu a partir da luta coletiva de agricultores e agricultoras, liderados pela missionária estadunidense Dorothy Stang. Foi uma estratégia de enfrentamento da violência no campo e de articulação entre trabalho e educação, com vistas à oferta de Ensino Médio profissionalizante por meio de Curso Técnico em Agropecuária, já que a região carecia de opções formativas para os jovens rurais.

O processo de criação, construção e início das atividades da Casa Familiar Rural em Anapu se desenrolou entre os anos de 2003 e 2008. Nesse meio tempo ocorreu



o assassinato da missionária Dorothy Stang, em 2005, e em virtude de toda a sua contribuição para o processo de criação da Casa Familiar Rural, a escola recebeu o nome da missionária.

Atualmente, a Casa Familiar Rural Dorothy Stang é mantida pela parceria de instituições públicas e parceiros da sociedade civil. Conta com uma equipe de 19 pessoas e oferece as séries finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental e Ensino Médio Integrado ao curso Técnico em Agropecuária, em alternância pedagógica de 14 dias de tempo escola, articulados por meio de temas geradores a 14 dias de tempo comunidade. Esta dinâmica permite que os estudantes possam ter acesso a uma educação contextualizada à realidade do campo da região, sem deixar de acompanhar as demandas de trabalho familiar em seus lotes.

Considerando que a Casa Familiar Rural Dorothy Stang está inserida no contexto amazônico, caracterizado por sua ampla biodiversidade de espécies vegetais, e sua comunidade escolar é constituída por um campesinato em constante luta pelo acesso e permanência na terra e pela reprodução social familiar, a partir da produção agroecológica (o que também implica na luta por direito à educação e à saúde). Nesse contexto foi feita a proposta de intervenção pedagógica na escola tendo como tema gerador as plantas medicinais, no período de março de 2022 a fevereiro de 2023. Além dos elementos empíricos observados, a proposta de intervenção pedagógica sobre plantas medicinais também foi justificada por achados científicos já sistematizados.

Como explicado por Vásquez, Mendonça e Noda (2014), os povos do campo, floresta e rio na Amazônia são detentores de um vasto conhecimento sobre plantas medicinais, conhecimento este que é aplicado em sua própria realidade para promoção da saúde, sendo passado de geração para geração por via oral e por demonstrações práticas. Considerando o vasto território da Amazônia e a existência de áreas rurais de difícil acesso, onde o alcance do serviço de saúde pública é precário, as plantas medicinais, por vezes, são os únicos medicamentos à disposição da população para prevenir e tratar doenças ou ainda aliviar seus sintomas.

Contudo, como problematizado por Carneiro, Silveira e Gomes (2016), a preservação dos conhecimentos populares acerca das plantas medicinais é atualmente ameaçada por uma multiplicidade de fatores, entre os quais é possível citar o avanço urbano-industrial sobre os povos tradicionais, o uso generalizado de medicamentos alopáticos e as dificuldades no repasse dos conhecimentos populares entre as gerações. Diante disso, a instituição escola pode desempenhar um papel significativo para auxiliar na preservação de tais conhecimentos, o que pode ocorrer por meio de um ensino contextualizado, em que as crianças e os adolescentes percebam a importância da proteção de sua cultura (CARNEIRO; SILVEIRA; GOMES, 2016).



Diante disso, o objetivo da intervenção pedagógica sobre plantas medicinais implementado na Casa Familiar Rural Dorothy Stang foi de resgatar, preservar, aprimorar e sistematizar os conhecimentos das famílias camponesas sobre plantas medicinais, a fim de estimular o seu uso agroecológico na promoção da saúde e na geração de renda para a comunidade escolar.

Acreditamos que o presente relato de experiência técnica tem potencial para contribuir com o conhecimento do eixo temático Educação em Agroecologia por sistematizar uma experiência escolar amazônica que traz à tona o tema Plantas Medicinais sob um cenário de fundo deveras complexo, que articula Conhecimentos Tradicionais, Educação do Campo, Reforma Agrária, Reprodução Social do Campesinato, Saúde e Sustentabilidade, entre outros temas caros à ciência e ao movimento agroecológico.

Descrição da Experiência

A intervenção pedagógica aqui sistematizada fez parte do processo de conclusão de curso de um dos autores deste relato de experiência técnica, na Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências Agrárias e da Natureza, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

A intervenção pedagógica sobre plantas medicinais foi conduzida na Casa Familiar Rural Dorothy Stang, em Anapu-PA, no período de março de 2022 a fevereiro de 2023, envolvendo as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do curso Técnico em Agropecuária concomitante ao Ensino médio, num total de 35 estudantes, sendo 15 meninos e 20 meninas, na faixa etária de 14 a 18 anos de idade, residentes nas localidades rurais de Gleba Bacajá, Belo Monte, PDS Esperança, PDS Virola Jatobá e PA Pilão Poente I.

A intervenção pedagógica envolveu três etapas: a realização de palestra inicial sobre a temática plantas medicinais; o processo de descoberta do conhecimento e das percepções da comunidade escolar sobre plantas medicinais; e o próprio processo de implantação da horta de plantas medicinais na escola.

A palestra inicial sobre plantas medicinais contou com o apoio de vários professores da Casa Familiar Rural, das disciplinas de Estudos Regionais, História, Geografia e Biologia, marcando o início da intervenção e fomentando a discussão sobre os conhecimentos prévios dos estudantes, acerca do uso de plantas medicinais adquiridos com suas famílias. Como mostram os estudos de Oliveira e Freixo (2019) e Zetóles e Trazzi (2020), as plantas medicinais fazem parte da realidade das populações camponesas, sendo um interessante tema gerador para a articulação entre os saberes populares e os saberes científicos.

Nessa palestra inicial, foram recorrentes as citações dos estudantes sobre a necessidade de reduzir a compra de plantas medicinais utilizadas para chás contra dores e febre, e mesmo a necessidade de redução da compra de outras plantas de



horta, como cebolinha, cheiro verde e até feijão. Esse relato inicial dos estudantes evidenciou uma possível erosão cultural referente ao cultivo de plantas medicinais junto às famílias camponesas da comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang: a perda paulatina da tradição de cultivar plantas medicinais e do conhecimento de utilizá-las em prol da saúde da família.

O processo de descoberta do conhecimento e das percepções da comunidade escolar sobre plantas medicinais teve continuidade por meio da elaboração de um questionário com perguntas sobre o conhecimento das famílias a respeito das plantas medicinais. O questionário contou com um total de 15 perguntas, sendo que 4 eram fechadas e 11 eram abertas. A elaboração, aplicação e socialização das respostas do questionário fez parte do processo de articulação entre tempo escola e tempo comunidade: o Plano de Estudo para o tempo comunidade foi construído sobre o tema gerador plantas medicinais, resultando no questionário; e o tempo escola envolveu a Colocação Comum que trouxe à tona as descobertas do questionário para o coletivo.

Foi possível constatar que a utilização de plantas medicinais pelas famílias faz parte da realidade cotidiana dos estudantes, pois, hegemonicamente, eles e suas famílias afirmaram conhecer e utilizar plantas medicinais. Explicaram que o uso de plantas medicinais vem do aprendizado intergeracional, com os “antepassados”, com “os avós que falaram que as plantas medicinais têm o poder de cura”, com “a experiência dos pais”, se consolidando em “uma cultura que a família tem”. Nesse processo de socialização familiar e comunitária, onde o conhecimento sobre as plantas medicinais e seus usos é passado oralmente e de forma prática de geração para geração, as figuras femininas das famílias camponesas, principalmente a “vó” e a “mãe” receberam especial destaque.

A partir dos questionários, foi possível perceber que os usos das plantas medicinais são para fins de tratamento diversos, como “aliviar gripe”, “cicatrizando ferimentos” e tratar “cortes e juntas quebradas”. Na visão das famílias camponesas, as plantas medicinais “aliviam dores pouco a pouco”.

Já o processo de implantação da horta de plantas medicinais teve início com os estudantes trazendo para a escola algumas mudas de plantas medicinais das que dispunham em casa, entre as quais alfavaca (*Ocimum selloi*), boldo (*Peumus boldus*), capim-santo (*Cymbopogon citratus*) e marupazinho (*Eleutherine bulbosa*). A preparação do espaço, a limpeza do local, a medição da área e a construção dos canteiros da horta medicinal foram processos realizados pelos estudantes e professores em atividades de aulas práticas.

Atualmente, a horta de plantas medicinais possui aproximadamente 300m², sendo organizada em canteiros, com caixotes de madeira e pneus reutilizados. Para além das citadas anteriormente, entre as plantas medicinais constituintes da horta estão: açafraão (*Curcuma longa*), alecrim (*Salvia rosmarinus*), babosa (*Aloe vera*), cumaru (*Dipteryx odorata*), erva-cidreira (*Melissa officinalis*), erva-doce (*Pimpinella anisum*),



escama de pirarucu (*Kalanchoe pinnata*), gengibre (*Zingiber officinale*), hortelã (*Mentha spicata*), jiló (*Solanum aethiopicum*), malva do reino (*Malva sylvestris*), ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*), pimenta de macaco (*Xylopia aromatica*), quiabo (*Abelmoschus esculentus*), e vick (*Mentha arvensis*).

Essas plantas medicinais, na cultura camponesa local, são utilizadas para o alívio de diferentes processos de adoecimento. Por exemplo, o marupazinho, é utilizado para tratamento de diarreia; da malva do reino é feito um lambedor (espécie de xarope caseiro) que é utilizado no controle de tosses; do gengibre e da hortelã são feitos chás para tratamento de gripes e resfriados; o chá de boldo é usado para tratamento de mal-estar estomacal; etc.

Desde a implementação da horta de plantas medicinais, diversas atividades teóricas e práticas são realizadas a partir dela, conjuntamente às demais hortas existentes na escola. A figura 1 evidencia algumas das atividades pedagógicas.

Figura 1 - Atividades pedagógicas realizadas no setor de hortas da CFR Dorothy Stang, Anapú, Pará, Brasil.



Fonte: acervo dos autores.

Analisando a figura 1: o item 'a' refere-se a atividades pedagógicas realizadas em uma parte da horta organizada em mandala, cujo objetivo foi a aplicação de conhecimentos matemáticos nos canteiros; o item 'b' ilustra uma aula prática na horta, explorando os cultivos de diferentes espécies vegetais e dialogando sobre nomes populares e científicos das plantas medicinais e sobre o conhecimento de chás e outros medicamentos populares fabricados a partir delas; o item 'c' mostra uma aula prática sobre solos, com o intuito de identificar os perfis de solo e discutir sobre a aptidão agrícola de diferentes solos para diferentes usos; o item 'd' se refere a uma atividade de plantio de rúcula, em que se promoveu discussão sobre



segurança alimentar e sobre como aproveitar melhor o espaço para o plantio, novamente usando conhecimentos matemáticos; o item 'e' corresponde a uma atividade prática de transplante de alface, que foi uma aula de ciências e discussão sobre o desenvolvimento das plantas; e o item 'f' demonstra uma atividade prática de controle de lagarta na couve, na qual também se discutiu o controle de plantas daninhas entre as plantas medicinais e questões de competição entre as plantas por água, luz e nutrientes.

O processo de implementação da horta de plantas medicinais na Casa Familiar Rural Dorothy Stang e as atividades que vêm sendo desenvolvidas a partir dela, evidenciam que a horta de plantas medicinais inserida no ambiente escolar possibilita o desenvolvimento de diversas atividades pedagógicas de cunho agroecológico, que versam sobre meio ambiente e saúde, unindo teoria e prática de forma contextualizada.

Resultados

Apesar da comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang estar vivenciando um processo de erosão cultural referente ao conhecimento e uso das plantas medicinais, elas ainda são importantes para o processo de promoção de saúde das famílias e no tratamento de doenças. A intervenção pedagógica evidenciou a convergência entre os saberes populares das famílias e os próprios saberes científicos da escola, sendo que ambos reconhecem a efetividade das plantas medicinais e suas vantagens em termos econômicos e logísticos em comparação aos medicamentos alopáticos industriais (sobretudo quando se fala em processos de promoção de saúde para comunidades do campo, por vezes distantes dos centros urbanos). Incluir as plantas medicinais no processo de formação escolar das e dos jovens agricultores é fundamental para estimular a passagem desse conhecimento entre as gerações, superando o problema de erosão cultural. Ademais, o reconhecimento dos saberes populares das plantas medicinais pela escola também contribui para o reconhecimento das e dos jovens como pertencentes a uma cultura camponesa que merece ser lembrada, reconhecida e valorizada.

Referências bibliográficas

CARNEIRO, Marcilio S.; SILVEIRA, Andréa P.; GOMES, Vaneicia S. Comunidade rural e escolar na valorização do conhecimento sobre plantas medicinais. **Biotemas**, v. 29, n. 2, p. 89-99, jun. 2016.

OLIVEIRA, José F. C.; FREIXO, Alessandra A. Contribuições de um herbário escolar para o ensino de ciências no contexto da Educação do Campo. **Revista Eletrônica da FAINOR**, v. 12, n. 2, p. 386-403, mai./ago. 2019.



VÁSQUEZ, Silvia P. F.; MENDONÇA, Maria S.; NODA, Sandra N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**, v. 44, n. 4, p. 457-472, 2014.

ZETÓLES, Maíra G.; TRAZZI, Patrícia. S. S. O ensino por investigação na escola do campo: uma relação entre plantas medicinais e saúde. **Revista Insignare Scientia**, v. 3, n. 4, p. 477-490, 2020.